

Essa conversa entre os músicos e o escritor se arrastaria por duas décadas. Caio saiu de Porto Alegre, morou no Rio e em São Paulo e escreveu livros relevantes, como *Morangos mofados* e *Os dragões não conhecem o Paraíso*. Com o fim dos Almôndegas, os irmãos foram morar no Rio e formaram uma dupla que enfileirou, no começo dos anos 80, meia dúzia de discos com canções de grande sucesso. Basta citar *Deu pra ti* e *Maria Fumaça*.

Só na primavera de 1995, já residindo novamente em Porto Alegre, um ano antes de falecer aos 47 anos, o escritor rabiscou um poema sob um cabeçalho singelo: “de Caio F. para Kledir R”.

A partir do poema os irmãos Ramil desenvolveram uma canção, intitulada “Lixo e purpurina”, bem próxima de ser um hino da geração do desbunde.

“Panos indianos, haxixe marroquino/ Lixo e purpurina/ E aquela menina só pensava em Calcutá/ Sinos do Nepal, mescalina mexicana/ Papos e baganas/ Descolar um jeito de chegar a Katmandu/ Fora dos limites/ Coisa de Netuno em Libra/ Tanta gente boa, tanta trip/ Tanto sexo/ Viajar o mundo sem sair de Porto Alegre”.

A canção hibernou por mais vinte anos. O que fazer com ela? Enquadrá-la em que disco?

A resposta só surgiu há cerca de três anos.

Construir um disco inteiro apenas com cantigas criadas pela dupla em parceria com escritores gaúchos, como Caio.

Tomada a decisão, os Ramil decidiram procurar alguém com largo conhecimento sobre a atual literatura sul-riograndense. A escolha recaiu sobre o professor Luis Augusto Fischer, que ficou empolgado com o projeto.

- Ali estava algo realmente original no mundo das artes da palavra – escreveu Fischer no livro que acompanha o disco.

Da relação de Fischer, que contemplava autores de todas as gerações atuantes e de todos os estilos vigentes no extremo Sul, os músicos escolheram nove nomes.

Começou o trabalho de mutirão, que seguiu um padrão invariável. Os músicos reuniam-se com o escritor em sua casa ou ambiente de trabalho para uma conversa inicial. Em Porto Alegre,



O “namoro” de Kleiton e Kledir Ramil com a literatura vem dos anos 70, quando conheceram Caio Fernando Abreu

no Rio de Janeiro e em Brasília, eles interrogaram os futuros companheiros de viagem sobre suas preferências estéticas – literárias e musicais.

Nesse primeiro contato, os escritores eram informados de que teriam liberdade total para a escolha de temas, mas eram também advertidos de que seriam obrigados a criar algo inteiramente novo.

- Não vale buscar o poeminha de amor esquecido no fundo do baú desde a adolescência – advertia Kledir.

Os contatos seguintes eram feitos por meio de cartas eletrônicas, que levavam textos ao Rio, onde residem os Ramil, e que saíam de lá com esboços de melodias para a avaliação dos letristas em gestação.

Ao final da epopéia, que deu como resultado uma obra intitulada “Com todas as letras”, os músicos declararam-se agradavelmente surpreendidos pelo desempenho de seus convidados. Tanto pelas insólitas temáticas levantadas quanto por terem quase todos os escritores se afastado, nessa empreitada musical, de seus mundos ficcionais.

De acordo com Kleiton, o fato de todos os autores serem pessoas distantes do cenário musical proporcionou o surgimento de letras que fogem totalmente aos temas batidos até a náusea pela MPB.

- Embora sendo um nadador apaixonado, eu jamais imaginei que um dia faria uma música sobre natação – ressalta ele. - E menos ainda sobre escovas de dentes.